

"Quero virar grife"

ANA HICKMAN, TOP DO ANO, DIZ POR QUE NA COLUMA GENTE, DE HELOISA TOLIPAN, B9



POLÍTICA & BASTIDORES

LEIA HOJE

E DIA 12



Millôr Fernandes
A18



Dora Kramer
A2



Ricardo Boechat
C2



Márcia Peltier
B3



A NOVA COLUMA DE
AUGUSTO NUNES



NA REVISTA
DOMINGO

**Segredos
para manter
a hidratação**

ESPECIALISTAS DÃO AS
RECEITAS PARA SE
ENFRENTAR O VÉRÃO
ESBANJANDO SAÚDE.

NESTA EDIÇÃO



SUPLEMENTOS

TEMPOS ANTIGOS E MODERNOS

No caderno Viagem, a antiga civilização mala. Em Casa & Decoração, cozinhas que facilitam a vida na atualidade.

AÇÃO SOCIAL

ASAS DA SOLIDARIEDADE

Dezenas de ultra-leves voaram ontem para Angra dos Reis levando 80 cestas básicas para os desabrigados pelas últimas chuvas.

C3

PROMOÇÃO JB



**FAÇA SUA
COLEÇÃO
DE VELAS**

Com esta edição do JB, mais R\$ 3,60, você ganha uma vela aromática para iniciar sua coleção.

C1

O TEMPO

HOJE	AMANHÃ	TERÇA
Chuvoso	Chuvoso	Chuvoso
Mín. 22 Máx. 30	Mín. 22 Máx. 34	Mín. 22 Máx. 33

ÍNDICE

O PAÍS/POLÍTICA	A2
INFORME JB	A6
MUNDO	A10
EDITORIAL	A12
CARTAS	A13
OUTRAS OPINIÕES	A13
ECONOMIA & NEGÓCIOS	A16
MILLÔR	C16
RIO	C1
BOECHAT	C2
TEMPO	C4
ESPORTES	C5
MÁRCIA PELTIER	B3

Venda avulsa para
RJ, MG, ES, SP: R\$ 3,00

Atendimento ao assinante
Rio 2323-1000
Brasília (61) 322-7172
Demais Estados
0800-707-2000

FOGO E DESESPERO



UM GRANDE INCÊNDIO na Favela Paragual, na Vila Prudente (São Paulo) destruiu ontem cerca de 300 barracos, matou pelo menos uma pessoa e deixou mais de mil desabrigados. **PÁGINA A4**

SÓCIOS EM CONFLITO

Vale pode voltar a ser estatal

Risco foi aberto por operação de aumento de capital da controladora da mineradora

Uma operação de aumento de capital da Valepar, controladora da Vale do Rio Doce, pode levar a reestatização da maior mineradora do país ou abrir espaço para que um concorrente entre no controle da empresa. Assembleia de acionistas marcada para o próximo dia 26 vai decidir sobre a ampliação de capital.

O problema é que a Litel, empresa que reúne as participações dos fundos de pensão estatais na Vale, vai incorpo-

rar 10% das ações ordinárias (com direito a voto) da mineradora aos 41,7% que já detém, atingindo 51,7% e reestatizando a companhia.

Fundos de pensão estatais terão 51% do capital votante

Devido a intrinca do jogo societário, porém, a Litel pode ficar com apenas 49% das ações ordinárias, trocando a diferença por papéis preferenciais (sem direito a voto). A Litel também poderia decidir por vender fatia de sua participação para novo sócio. **PÁGINA A17**

Protesto na abertura de estação do Metrô

A governadora Benedita da Silva inaugurou ontem, sob vaias, a nova Estação da Siqueira Campos, em Copacabana. Exibindo cartazes e aos gritos de "Benedita caloteira", pelo menos de 30 jovens do programa Jovens Pela Paz acusaram a governadora de interromper o pagamento do auxílio ao projeto. Os manifestantes também cobraram o pagamento do 13º salário do funcionalismo público. Amanhã, às 13h, em uma reunião, conselheiros da Agência Reguladora de Serviços Públicos Concedidos decidem os detalhes para o funcionamento do novo trecho. **PÁGINA C2**

Bornhausen: PFL voltará logo ao poder

Desde o início da carreira na UDN, passando pela Arena, o senador reeleito pelo PFL, Jorge Bornhausen, sempre foi poder. Agora, o catarinense estreia como oposição ao governo Lula. Pessimista, condena o PT pela "oposição radical ao país" por 20 anos e prevê intensa frustração com a futura administração, que considera "curto". Para Bornhausen, Henrique Meirelles foi para o BC por exclusão, porque ninguém queria ir. Personagem do livro *Quem é Jorge Bornhausen*, de Luiz Gutemberg, o presidente do PFL relembra quatro décadas de política. Entrevistado pelo Jornal do Brasil, diz que volta ao poder, no máximo, em quatro anos. **PÁGINA A3**

ESTRAGA-FESTAS



A GOVERNADORA Benedita da Silva foi para a inauguração da Estação Siqueira Campos preparada para a festa, mas acabou tendo que ouvir o que não queria.

Concentração de riqueza está crescendo

Há menos ricos, mas com maior poder aquisitivo, diz estudo

A riqueza proveniente de rendas e outras fontes está se concentrando nas mãos de menos pessoas. Segundo estudo realizado pelo pesquisador Cláudio Dedecca, da Unicamp, o grupo dos que, em 1995, respondiam por 1% da população com os mais altos rendimentos encolheu.

Mantida a mesma referência de renda e faixa etária, essa categoria passou a corresponder a 0,6% da população no ano passado, embora o poder aquisitivo tenha aumentado. A constatação gera controvérsias. Há quem discorde, mas os negócios de produtos e serviços de luxo continuam a crescer no país. **PÁGINA A15**

Riqueza avança e desigualdade cresce

Estudo mostra que grupo dos mais ricos encolheu, mas o poder aquisitivo aumentou, entre 1995 e 2001

ISABEL CLEMENTE
REPÓRTER DO JB

A riqueza gerada por renda e outras fontes passou a se concentrar nas mãos de menos pessoas nos últimos sete anos. Ao jogar uma lupa sobre as estatísticas disponíveis, o pesquisador e economista Cláudio Dedecca, da Unicamp, concluiu que o grupo dos mais ricos do país ficou ainda mais seleto depois do fim da hiperinflação, num sinal de que a desigualdade social avançou.

Com base em dados das Pesquisas por Amostra Domiciliar (Pnad) do IBGE, Dedecca observou que, em 1995, o 1% mais rico da população de 14 a 65 anos tinha uma renda mínima de R\$ 5.071 (em valores

atuais). No ano passado, esse mesmo grupo, mantendo-se o patamar de rendimentos, caiu quase à metade, em termos proporcionais. Passou a corresponder a 0,6% da população na faixa etária pesquisada.

O topo da pirâmide social encolheu, mas seu poder aquisitivo, não. De acordo com os dados levantados, a renda média desse grupo, já atualizada, passou de R\$ 9.166 para R\$ 9.509, entre 1995 e 2001.

— Acho que um sintoma muito evidente disso é o padrão de consumo mais sofisticado. Na Avenida Paulista, chama a atenção a quantidade de carros importados, assim como os

constantemente lançamentos de imóveis de luxo em São Paulo. Obrigatoriamente, alguém tem renda para viabilizar esse mercado — diz Dedecca.

Também houve ganhos para a renda da classe mais baixa,

mas o economista, que vem estudando o tema há anos, aponta achatamento dos níveis intermediários.

Essa é uma constatação que gera controvérsias. Nem todos concordam com a tese de que a desigualdade social piorou no Brasil. O especialista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, acha que a distribuição de renda melhorou.

— Como o topo da pirâmide encolheu, pode ter acontecido

justamente o contrário. Ao longo dos anos 90, os 10% mais ricos tiveram desempenho pior que os 50% mais pobres. É um sinal de que a concentração caiu, o que é inclusive ruim para os setores de produtos de luxo — diz Neri.

Fato é que, hoje, no Brasil, para estar no topo da pirâmide, basta ser o que se costuma chamar classe média.

— Uma família de quatro pessoas com renda de R\$ 3.500 a R\$ 4.000 já está entre os 10% mais ricos do país, e isso sempre causa espanto porque essas pessoas não se consideram ricas. A riqueza é um conceito muito relativo — explica o economista Lauro Ramos, especialista em mercado de trabalho do Instituto de Pesquisa Econô-

mica Aplicada (Ipea).

Ainda que o desemprego esteja em alta, diz Ramos, houve aumento também na ocupação, sinal de que há mais pessoas com renda para gastar. “A situação não é cor-de-rosa, mas também não está preta”, diz.

E argumenta que o aumento nas vendas de Natal é um fenômeno que também tem a ver com tempos difíceis.

— Depois de um aperto nos cintos, é hora de extravasar. E as elites estão imunizadas contra crises. Quem movimenta esse vaivém das compras de Natal são as pessoas normais. Rico compra o ano inteiro — diz Ramos.

isabel@jb.com.br